

MEDIDAS AMBIENTAIS CHINESAS ELEVAM PREÇO DO AÇO EM TODO O PLANETA

Reposição automotiva é um dos setores mais impactados pela alta e pode repassar custos a partir de janeiro de 2018

Desde sua abertura para o mercado internacional no ano de 1978, a China passou a ser considerada como o motor do crescimento econômico mundial – devido aos resultados expressivos alcançados pelo país em decorrência de uma política agressiva de industrialização e comércio exterior.

Produto Interno Bruto (PIB) crescendo de forma consistente a dois dígitos, transnacionais de todo o planeta procurando ocupar seu parque industrial, grande influência exportadora nos mercados ocidentais e até mesmo rivalidade com os Estados Unidos como maior potência econômica do mundo. Questões que, em poucas décadas, passaram a ser características indissociáveis de uma China outrora rural.

Como quase tudo que acontece de maneira precoce, o crescimento instantâneo chinês passou, rapidamente, a gerar efeitos colaterais, dentre os quais o desequilíbrio ambiental, que tem se consolidado como uma das maiores preocupações das autoridades do país e dos dirigentes da Organização das

Nações Unidas (ONU).

Considerada a capital comercial e financeira do gigante asiático, Xangai tem registrado níveis recordes de poluição atmosférica, batendo a marca de 500 pontos na escala chinesa, dez vezes mais do que o nível considerado aceitável pelos órgãos ambientais do país. Esse cenário insustentável provoca anualmente, de acordo com reportagem do jornal britânico The Guardian, mais de 1 milhão de mortes prematuras entre doenças cardíacas e respiratórias.

De acordo com a coordenadora do Grupo de Estudos Brasil/China do Centro de Estudos Avançados da **Unicamp**, Leila da Costa Ferreira, ao longo de sua história, a China considerou a natureza como um fator limitante a ser dominado ou superado, ao invés de ser algo a ser aceito e preservado e, apesar de já na década de 80 o governo central do país ter criado leis ambientais de grande eficácia teórica, essa



cultura de observação do meio ambiente como democrático permaneceu presente nos níveis ambientais, fazendo com que a eficácia prática dessas regras de proteção ambiental ficasse prejudicada.

A partir do ano de 2017, no entanto, a China parece estar decidida a desacelerar a degradação ambiental na mesma medida em que vê diminuído o vigor do crescimento de seu PIB, hoje projetado a avan-

çar “apenas” 6,5%.

Em março desse ano o primeiro-ministro da segunda maior economia do mundo, Li Keqiang, prometeu aos seus compatriotas que, no que depender dos esforços governamentais, o céu chinês vai voltar a ser azul. De lá para cá, a promessa saiu, de fato, do papel e já começa a produzir efeitos em diversas economias ocidentais dependentes das commodities chinesas.